

Amor ao Bem

Volume I



Monge Tyāgo



Namo Dhammāya

Reverência ao Bem



Monge Tyāgo



“

A etiqueta de preço? Ausente.

Com a doação, um coração contente.

Nada pede ou espera em troca.

O Bem – o Dharma – é o maior presente.

Autor do poema 'Amor ao Bem:' **Monge Tyāgo**

Tradução dos textos canônicos para o português: **Monge Tyāgo**

Projeto gráfico de capa e miolo: **Renan Castro**

Sumário

Abreviações

| | | | |
|-----------|------------------|------------|--------------|
| Kd | Vinaya Khandhaka | Dhp | Dhammapada |
| DN | Dīgha Nikāya | Snp | Sutta Nipāta |
| MN | Majjhima Nikāya | Ud | Udāna |
| SN | Saṃyutta Nikāya | Iti | Itivuttaka |
| AN | Aṅguttara Nikāya | Ja | Jātaka |

| | |
|---|----|
| Amor ao Bem..... | 6 |
| As Palavras do Buda | 16 |
| <i>A primavera, ela envelhece</i> | |
| 1. Ao Bahadrako (SN 42.11)..... | 17 |
| 2. Ao Hatthaka (AN 3.35)..... | 20 |
| 3. O tempo, como ele voa (SN 1.4) | 0 |
| Colofão | 24 |
| Notas de Tradução..... | 26 |
| Bibliografia | 27 |



Amor ao Bem

Parte 1





*Bela como a primavera.
Estremeço como no inverno.
Houve paixão nesse veraneio.
Do outono sair não quero.*



*A primavera, ela envelhece.
No inverno, a virtude aquece.
Férias, de fato, há com a paixão murcha.
Folhas caem. Veja, desperte!*



*Deixe marcas, encante, assombre,
viva com graça, faça memórias.
Ria, divirta-se, apaixone-se,
abraçe, beije, dance na orla.*



*Não crie marcas, seja inocente.
Deixe o passado. Sempre o bem faça.
Busque a paz. A aquarela abrande.
No papel, traços cor de água.*



*Flamejante flecha me atinge.
Pleno pulmão, grito em silêncio.
Meu peito diz: “como quero tê-la!”,
mas, mesmo a tendo, eu não a tenho!*



*Um incêndio queima este mundo.
Pra todo lado corre um abestado.
Apague o fogo, tenha coragem.
Do que tiver, será separado.*



*De onde eu venho? Pra onde eu rumo?
O que eu faço aqui comigo?
Em meio a tanto desejo e medo,
besta, nem sei sobre o que pergunto...*



*Do bem e mal feito és resultado.
Ao fruto de tais ações, destinado.
Querendo alegria e não tormento,
sê inocente, larga o que arde.*



*Há tantos problemas neste mundo!
Estudo, estudo, tenho idéias:
“Eis o caminho pra melhoria,
mas este povo aqui é tão cego!”*



*O dever de casa pra quem tem causa
é criar pra si um grande caráter:
correto, sóbrio, não faz o errado
nem enraivece indignado.*

*Não senta e espera por boa notícia,
não desespera com o mundo em baixa.
Boa notícia, aprende a criá-la.
Boa notícia, assim ele é, de fato.*

*Fazendo o bem, planta boas sementes,
gentil, ajuda, firme e aplicado.
Verdadeiro, nele confiam.
Escrupuloso, humilde e sábio.*

*Tal como o vento, ele avança.
Rochas e pedras vão para os lados.
Não por causa de suas ideias,
mas pelo poder de seu caráter.*



*Como ser feliz nesta vida
em meio ao caos, trabalho e família?
Como se aguenta o sofrimento?
E sobre a morte, o que me diria?*



*Sem avidez, contente e simples.
Apague a raiva, seja bem manso.
Agente a dor sem pensar maldades,
lúcido, calmo e muito bondoso.*

*Violência: nunca! Inofensivo!
Jamais tomando o que é alheio.
“Dia da mentira”, o que é pros outros
que apenas seja-lhe Abril, primeiro.*

*Caso o acusem de mal não feito
não contra-acuse; esclareça os fatos.
Busque lugar seguro, em perigo.
E, mesmo a salvo, nunca retalhe.*

*Se o insultarem ou maltratarem
queime o convite pra dar o troco.
Firme, agente-os com paciência.
Fé no caminho mais poderoso.*

*Não bata boca, não se exaspere.
Veja a teia. Nela não caia.
Fale o que acalma, caso contrário
sinta o prazer em ouvir cigarras.*

*Promova sempre a harmonia.
Não divida unidos em partes.
Entre partidos, se una à verdade,
à inocência, ao bem e humildade.*

*No feitiço, veja o feitiço.
Vida de plástico, isso não queira.
Enfeitiçado, o bem é esquecido.
“Mero plástico” vê no espelho.*

*Observe, tenha cuidado
com as delícias várias do mundo.
Inebriados e apegados
agimos mal e ficamos sujos.*

*Podendo, fuja da algazarra.
Vá aonde a brisa suave o toque,
aonde o silêncio é sinfonia,
aonde o pôr do sol o comove.*

*Fique onde o coração entenece,
na companhia de gente simples.
Do humilde, faça o seu mestre.
Um paraíso assim que se cria:*

*Aprenda a cuidar dos outros
sem no entanto incomodá-los.
Constantemente, traga isto à mente:
“Precisariam eles de algo?”*

*Perdoe-os pelo que fazem
sem raiva – chore se necessário.
Do bolo, dê-lhes a melhor parte.
Aprenda o prazer que há nesses atos.*

*Ao seu redor, feliz, sirva à todos.
Aprenda a ser contente com pouco.
Muito estudo, um emprego saudável.
Pôr do sol, café, chá, biscoitos.*

*Querendo e achando uma candidata,
pergunte-a: “amor? ou, então, amizade?”
Se “amizade” ela responde,
convide-a ao altar. Com ela, case.*

*Pois amizade é amor verdadeiro.
Casal amigo é pra toda a vida.
Já inimigos que dormem juntos:
dia após dia, amarga ruína.*

*Os pais idosos, sempre os ampare.
Se difíceis, com paciência.
Se violentos, deles se afaste.
De longe cuide-os, não os maltrate.*

*Os mais velhos, sempre os respeite.
Ancestral é essa lei, de fato!
Quando anciões se fazem presentes,
levante-se e pause o papo.*

*Abra caminho, dê-lhes assento.
Fique em pé até que se sentem.
Mude seus modos e como fala.
Seja dócil estando com eles.*

*De coração, anciões bondosos
pelos jovens tem piedade.
Com as honras não se envergonham.
Deixam-se cuidar e são tão gratos.*

*Tão grande, ainda, é o dedicado
que não se tenta fazer mais alto
do que o irmão, amigo ou colega
que são mais velhos. Ele os acata.*

*Seja inocente como a criança.
Infantilidade, deixe de lado.
Sempre amável, jovial e sóbrio
e não, juvenil e mal-educado.*

*Tenha amor pela reverência,
seja modesto, oferte respeito,
tenha pudor; na cara, vergonha,
e será querido onde há bem presente.*

*Não faça que outros o respeitem.
Queiras apenas limpar tuas falhas.
Se elogio a ti é jogado
não o pegues; deixes que caia.*

*Aos teus olhos, teus próprios erros.
O erro do outro é como o seu cinto:
Embora ele o esteja usando
não há porque nos ocupar nisso.*

*Antes de criticar, encorage.
Antes de ensinar, seja o exemplo.
Não tire sarro, não faça escárnio,
seja apenas um bom amigo.*

*Se criticado, ouça com cuidado
refletindo profundamente.
Dê o braço a torcer pela verdade
(guarde sua queixa pra outro momento).*

*Seja aberto sobre suas falhas,
sempre sincero ao pedir desculpas.
Dedicado a redimir-se,
o sol brilha afastando as sombras.*

*Deixe suas crenças e os seus valores
e sentimentos por um momento.
Então, veja, sinta e entenda
como outros sentem e entendem o mundo.*

*Procure entender o que é a falta.
Gratidão terá, assim, por tudo.
O cheiro ruim do mimo o deixa
e sensível será com o mundo.*

*Em tempos de paz, tanta folia.
Em grande crise, o povo deprime!
Com fé no bem, os mansos solidários
em meio à crise ainda são felizes.*

*Largue as drogas e álcool pra sempre.
Faça um retiro a cada quinzena:
Durma pouco, jejum, silêncio
Medita muito (Abstinência!)*

*Tua presunção e tua arrogância,
o teu orgulho que te exalta,
tua vaidade e o teu cinismo...
tais poeiras: dá-lhes um basta!*

*Um terno coração, inofensivo.
A mente: lúcida e grandiosa,
sem uma mancha, muita bondade,
experiência divina toca.*

*Não há como praticar isso
imerso em si e no seu trabalho.
Sábio, escolha um meio de vida
que se harmonize à felicidade.*

*Pois é assim que há muitos frutos
quando há virtude e o mal é deixado.
Largue o que é ruim já, e o bem pratique
a hora da morte nunca se sabe.*

*Assim a perdição se evita.
Assim morrendo, não sente medo.
Do outro lado, feliz é a vida
e aqui mesmo feliz viveras.*



Buddhavadana

As Palavras do Buda



Isto é o que
foi dito:

*A primavera, ela envelhece.
No inverno, a virtude aquece.
Férias, de fato, há com a paixão murcha.
Folhas caem. Veja, desperte!*

Por que motivo
isso foi dito?



1. Ao Bahadrako

Uma vez, quando o Bhagavam Buda¹ estava vivendo entre os mallaenses², em uma vila chamada Uruvelakappa, o patriarca da vila, chamado Bhadrako, se dirigiu a ele, fez-lhe uma reverência e sentou-se em um canto. Sentado, ele disse ao Bhagavam Buda o seguinte:

— Mestre, por favor, que o Bhagavam me ensine sobre a originação e o desaparecimento do sofrimento.

— *Patriarca, se eu vos ensinasse sobre a originação e o desaparecimento do sofrimento no passado dizendo “era assim no passado,” vós duvidaríeis e ficaríeis consternado sobre isso. Se eu vos ensinasse sobre a originação e o desaparecimento do sofrimento no futuro dizendo “assim será no futuro”, vós duvidaríeis e ficaríeis consternado sobre isso. Ao invés disso, enquanto estou sentado aqui e enquanto estais sentado aí mesmo, eu vos ensinarei sobre a originação*

1. **Bhagavam:** significa, literalmente, “cheio de fortuna”. É uma forma elevada de se referir à uma pessoa importante e é a maneira pela qual o Buda (lit. “o Desperto”) era chamado pelos seus seguidores.

2. **Mallaenses:** habitantes do reino de Malla, parte de dezesseis reinos poderosos da Índia antiga. Nos relatos da invasão da Índia iniciada por Alexandre o Grande eles são identificados como Malloi.

e o desaparecimento do sofrimento. Que o patriarca ouça e preste bem atenção ao que eu digo.

“Sim, mestre”, respondeu o patriarca Bhadrako. Então, o Bhagavam Buda disse o seguinte:

— O que o patriarca acha? Existiriam pessoas em Uruvelakappa que, ao serem punidas, presas, multadas ou condenadas, surgiriam em vós tristeza, lamento, dor, mal-estar e tormento?

— Mestre, existem pessoas em Uruvelakappa que, ao serem punidas, presas, multadas ou condenadas, me surgiram tristeza, lamento, dor, mal-estar e tormento.

— Ainda, patriarca, existiriam pessoas em Uruvelakappa que, ao serem punidas, presas, multadas ou condenadas, não surgiriam em vós tristeza, lamento, dor, mal-estar e tormento?

— Mestre, existem pessoas em Uruvelakappa que, ao serem punidas, presas, multadas ou condenadas, não me surgiram tristeza, lamento, dor, mal-estar e tormento.

— Patriarca, qual a causa, qual a condição para que, com a punição, prisão, multa ou condenação de uma pessoa de Uruvelakappa, surjam em vós tristeza, lamento, dor, mal-estar e tormento?

— Mestre, em relação às pessoas de Uruvelakappa que, ao serem punidas, presas, multadas ou condenadas, me surgiram tristeza, lamento, dor, mal-estar e tormento, eu tenho por elas desejo e paixão. E em relação às pessoas de Uruvelakappa que, ao serem punidas, presas, multadas ou condenadas, não me surgiram tristeza, lamento, dor, mal-estar e tormento, eu não tenho por elas desejo e paixão.

— *Patriarca, por meio dessas experiências visíveis, imediatas, acessíveis e penetráveis, podeis inferir sobre o passado e futuro o seguinte: “Quaisquer sofrimentos surgidos no passado, todos eles surgiram tendo o desejo como raiz, tendo o desejo como motivo. Pois o desejo é a raiz do sofrimento. Quaisquer sofrimentos que surjam no futuro, todos eles surgirão tendo o desejo como raiz, tendo o desejo como motivo. Pois o desejo é a raiz do sofrimento.”*

— Mas que espantoso! Mas que incrível! Como isso foi bem dito pelo mestre! “Quaisquer sofrimentos que surgem, todos eles surgem tendo o desejo como raiz, tendo o desejo como motivo. Pois o desejo é a raiz do sofrimento”. Mestre, meu filho Ciravási vive em uma casa distante. Ao acordar cedo, eu digo pra alguém: “Rapaz, vá e descubra como está Ciravási”. Mestre, enquanto esse rapaz não retorna, eu vivo desorientado pensando: “Que nenhuma adversidade aconteça ao Ciravási!”

— *O que o patriarca acha? Se Ciravási fosse punido, preso, multado ou condenado, surgiriam em vós tristeza, lamento, dor, mal-estar e tormento?*

— Mestre, se Ciravási fosse punido, preso, multado ou condenado, a minha vida inteira seria alterada! Como não me surgiriam tristeza, lamento, dor, mal-estar e tormento?

— *Patriarca, dessa maneira, também, pode-se saber que “quaisquer sofrimentos que surgem, todos eles surgem tendo o desejo como raiz, o desejo como motivo. Pois o desejo é a raiz do sofrimento”. O que o patriarca acha? Antes de terdes visto e ouvido a mãe de Ciravási, havia desejo, paixão ou amor por ela?*

— Não mesmo, mestre.

— *Patriarca, teria sido depois de vê-la e ouvi-la que passou a haver desejo, paixão ou amor por ela?*

— Sim, mestre.

— *O que o patriarca acha? Se a mãe de Ciravási fosse punida, presa, multada ou condenada, surgiriam em vós tristeza, lamento, dor, mal-estar e tormento?*

— Mestre, se a mãe de Ciravási fosse punida, presa, multada ou condenada, eu viveria desorientado! Como não me surgiriam tristeza, lamento, dor, mal-estar e tormento?

— *Patriarca, dessa maneira, também, pode-se saber que “quaisquer sofrimentos que surgem, todos eles surgem tendo o desejo como raiz, o desejo como motivo. Pois o desejo é a raiz do sofrimento.”*

2. Ao Hatthaka

Uma vez, quando o Bhagavam Buda estava em Álavi, no parque de jasmim laranja sentado em um monte de folhas espalhadas sobre uma trilha de gado, Hatthaka de Álavi o viu ali sentado enquanto fazia a sua caminhada. Ao se aproximar e cumprimentá-lo, ele sentou-se em um canto e disse-lhe o seguinte:

— O mestre dormiu bem?

— *Sim, jovem. Entre as pessoas no mundo que dormem bem, eu sou uma delas.*

— Mestre, as noites de inverno são geladas e agora estamos no período em que neva. O solo pisado pelos cascos das vacas é duro e a camada de folhas no chão é fina. As árvores têm

poucas folhas, as vestes estão frias e frio também é o vento que do norte sopra. E, mesmo assim, o mestre diz: “Sim, jovem. Entre as pessoas no mundo que dormem bem, eu sou uma delas.”

— *Sobre isso, jovem, eu responderei fazendo perguntas: da maneira que parece ao jovem, dessa maneira, então, que ele responda. Suponhamos que um dono de casa vive em uma casa bem coberta e bem fechada, sem correntes de ar, com as fechaduras trancadas e as janelas fechadas. Lá dentro haveria um sofá com cobertores de lã peludos, branco puro ou bordado com flores, coberto com uma bela pele de cervo. Ainda haveria um baldaquim acima e almofadas vermelhas nas duas extremidades. Enquanto uma lâmpada de óleo queima, as suas quatro esposas estariam servindo ele de forma extremamente agradável. O que o jovem acha? Ele dormiria bem ou não dormiria bem?*

— Mestre, ele dormiria bem. Entre as pessoas que dormem bem no mundo, ele seria uma delas.

— *Mas seria possível surgir nesse dono de casa febres no corpo ou na mente nascidas da paixão que o queimariam, levando-o a dormir mal?*

— Sim, mestre.

— *Jovem, é possível surgir nesse dono de casa febres no corpo ou na mente nascidas da paixão que o queimariam, levando-o a dormir mal. No entanto, um Tathágata³ abandonou a paixão, ele a cortou na raiz, fez dela um toco de palmeira, deixando de ser, e nunca mais surgindo no futuro. Portanto,*

3. **Tathágata:** um epíteto que se refere às pessoas que alcançaram a perfeição: “a pessoa suprema, a pessoa excelente, aquela que realizou a maior realização.”

eu dormi bem. O que o jovem acha? Seria possível surgir nesse dono de casa febres no corpo ou na mente nascidas do ódio que o queimariam, levando-o a dormir mal?

— Sim, mestre.

— *Jovem, é possível surgir nesse dono de casa febres no corpo ou na mente nascidas do ódio que o queimariam, levando-o a dormir mal. No entanto, um Tathágata abandonou o ódio, ele o cortou na raiz, fez dele um toco de palmeira, deixando de ser, e nunca mais surgindo no futuro. Portanto, eu dormi bem. O que o jovem acha? Seria possível surgir nesse dono de casa febres no corpo ou na mente nascidas da ilusão que o queimariam, levando-o a dormir mal?*

— Sim, mestre.

— *Jovem, é possível surgir nesse dono de casa febres no corpo ou na mente nascidas da ilusão que o queimariam, levando-o a dormir mal. No entanto, um Tathágata abandonou a ilusão, ele a cortou na raiz, fez dela um toco de palmeira, deixando de ser, e nunca mais surgindo no futuro. Portanto eu dormi bem.*



“O tempo, como ele voa!
As noites, como elas passam!
Cada fase de nossas vidas
aos poucos nos abandonam.

Preocupado com o perigo
da morte, aquele que tem à vista
a paz suprema, então, procura
largar, do mundo, a sua isca.”

*É para lembrar
disso que isto
foi dito:*

*A primavera, ela envelhece.
No inverno, a virtude aquece.
Férias, de fato, há com a paixão murcha.
Folhas caem. Veja, desperte!*

Colofão

Uma vez, um monge disse a outro monge:

— No que tanto pensas?

— *Estou tentando descobrir como explicar para a minha família e para os meus amigos o que significa ter me tornado um monge.*

— Se descobrir, por favor, me avisa.



Escrito em Setembro de 2022, durante a minha estada no Centro de Estudos Budistas Bodisatva (CEBB), em Alto Paraíso de Goiás - GO, o poema “Amor ao Bem” é, por um lado, uma tentativa de conduzir parentes e amigos interessados a um significado genuíno do Budismo. O formato do livro, talvez, seja inesperado. Quem sabe o leitor se alegre ainda ao descobrir que monges em séculos passados não fizeram diferente: eles escreveram epístolas poéticas explicando o seu entendimento sobre os ensinamentos do Bhagavam Gautama Buda. Por exemplo, o ven. Nāgārjūna, na Índia, escreveu para o rei Sātavahāna e, no Sri Lanka, o ven. Kavicakkavatti Ānanda escreveu para o seu amigo, o ven. Buddhasoma.

Assim, esta introdução ao Budismo continua uma tradição de mais de dois mil anos. Porém, enquanto que as palavras desses veneráveis do passado se tornaram textos raiz, fontes de comentários e alvos de estudos por parte das gerações posteriores, o “Amor ao Bem” é mera desculpa para apresentar as palavras do Bhagavam da maneira como foram

primorosamente preservadas no cânone em páli (esta, a sua língua original). Para o monge que aqui escreve, esses, sim, são os textos raiz. Já os versos com os quais adorno-os são apenas pequenos comentários.

Se, por um lado, “Amor ao Bem” é uma carta dedicada aos que me rodearam nesta vida, por outro, eu espero que seja, para aqueles que buscam no escuro, uma preciosa lamparina.

Monge Tyāgo

Santuário Sāsanarakkha, Malásia

Setembro de 2023

Notas de Tradução

Todos os textos traduzidos nesta obra (discursos, excertos, histórias e versos canônicos) fazem parte do *tipiṭaka pāli*, o cânone pāli budista que preserva os antigos ensinamentos do Bhagavam há mais de dois milênios em sua língua original. Em sua maior parte, os textos em pāli foram consultados no website suttacentral.net (Sujāto, 2005), que, por sua vez, hospeda uma cópia da edição do *tipiṭaka Mahasangīti*, da linhagem burmesa⁴. Ainda, foram consultadas traduções em inglês desses textos feitas por Sujāto (2005), Ñanamoli (1995), Bodhi (2012, 2000), Cowell et al. (1880) e Kawasaki et al. (2018), além de textos paralelos encontrados no cânone chinês. As histórias *jātakas* (Ja) foram traduzidas a partir de traduções do inglês, com leves adaptações, enquanto que os seus versos foram traduzidos do pāli. Textos em itálico que por vezes introduzem ou finalizam um texto não fazem parte do original, sendo meramente contextualizações fornecidas por este que escreve. Títulos foram dados aos discursos que, originalmente, não possuem título e, em alguns casos, o título foi alterado em nome da legibilidade.

Salvo quaisquer restrições impostas pelas obras que aqui se encontram derivadas, toda esta obra é de domínio público.

4. O texto original e outras traduções podem ser consultados seguindo a referência no [Sumário](#) de acordo com a seção *Abreviações*.

Bibliografia

Bodhi, Bhikkhu. *The Connected Discourses of the Buddha : a Translation of the Samyutta Nikaya*. Wisdom Publications, 2000.

Bodhi, Bhikkhu. *The Numerical Discourses of the Buddha : a Translation of the Anguttara Nikaya*. Wisdom Publications, 2012.

Kawasaki, Ken. Kawasaki, Visakha. *Jataka Tales of the Buddha - Volume I-III*. Pariyatti Press, 2018.

Ñānamoli, Bhikkhu. *The Middle Length Discourses of the Buddha: A Translation of the Majjhima Nikaya*. Wisdom Publications, 1995.

T.W. Rhys Davids, et al. *The Jataka or Stories of the Buddha's Former Births*. Cambridge, 1895-1907.

Sujāto, Bhikkhu. *Suttacentral*. <https://suttacentral.net>.